

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CÂMPUS DE MARÍLIA**

**O CONCEITO DE *DÉCADENCE* NA FILOSOFIA TARDIA
DE NIETZSCHE**

DANÚBIA MARIA PACHECO

**MARÍLIA
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CÂMPUS DE MARÍLIA**

**O CONCEITO DE *DÉCADENCE* NA FILOSOFIA TARDIA
DE NIETZSCHE**

DANÚBIA MARIA PACHECO

Dissertação de Mestrado apresentada à banca de Defesa do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGFIL), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Marília.

Orientador: Professor Doutor Márcio Benchimol Barros

Agência Financiadora: CAPES

**MARÍLIA
2018**

P116c

Pacheco, Danúbia Maria

O conceito de *décadence* na filosofia tardia de Nietzsche / Danúbia Maria Pacheco. -- Marília, 2018

58 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Márcio Benchimol Barros

1. Nietzsche. 2. *Décadence*. 3. Valores. 4. Modernidade. I. Título.

O CONCEITO DE DÉCADENCE NA FILOSOFIA TARDIA DE NIETZSCHE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Filosofia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília – como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Márcio Benchimol Barros (Orientador)
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Campus de Marília

Prof. Dr. Andrey Ivanov
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Campus de Marília

Prof. Dr. José Fernander Weber
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
UNESP – Câmpus Marília

Data: 12/09/2018

DEDICATÓRIA

À minha filha Leila, com muitíssimo amor e carinho, por encher meu coração de afeto e potência todos os dias, dando sentido ao meu existir.

A mamãe te ama muito! Tudo por você e para você, sempre!

O teu sorriso é a minha paz!

AGRADECIMENTOS

Ao professor Márcio Benchimol, pelo cuidado, atenção e paciência ao longo da pesquisa, toda minha admiração e gratidão.

Á todos os professores do Departamento de Filosofia e amigos que encontrei nesta etapa do caminho, que contribuíram com meu enriquecimento intelectual.

Á minha família, por todo suporte emocional ao longo desta jornada.

Aos professores membros da banca examinadora, por aceitarem o convite.

Á Capes, pelo apoio financeiro.

“Viver – isto significa para nós [os filósofos]: transmutar constantemente em luz e chama tudo o que nós somos; assim como tudo o que nos atinge”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Esta pesquisa possui o intento de investigar a noção de *décadence* na filosofia Nitzschiana, especificamente em sua obra tardia, uma vez que é neste período de sua filosofia que o conceito possui maior ocorrência. Para tal tarefa, buscase primeiro compreender qual a relação entre a fisiologia e o conceito em questão, só depois então passaremos a analisar o processo de *décadence*, que teve início com a razão socrática e posteriormente sua continuação com o cristianismo, até culminar na modernidade, onde Nietzsche aponta a arte Wagneriana como a arte da *décadence*. Abordaremos as obras: *Além do Bem e do mal*, *Assim falou Zaratustra*, *Anticristo*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Ecce Homo*, *O Caso Wagner e os Fragmentos Póstumos*, todas escritas entre o ano de 1883 a 1888. Pensamos que o estudo do conceito se torna indispensável para uma melhor compreensão da filosofia tardia de Nietzsche, principalmente para entender a crítica dos valores que ele conduz contra a sociedade moderna ocidental, sendo assim, este trabalho também contribui com a pesquisa Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche, *Décadence*, Filosofia, Valores, Modernidade

ABSTRACT

This research intends to investigate the notion of *décadence* in Nietzsche's philosophy, specifically in his late work, since its occurrence. For this task, we first try to understand the relation between physiology and the concept approached, then we will analyze the process of *décadence*, which began with the Socratic reason and then its continuation with Christianity, culminating in modernity where Nietzsche points to Wagnerian art as the *décadence's* art. We will discuss the works: *Beyond Good and Evil*, *Thus Spoke Zarathustra*, *Antichrist*, *Twilight of Idols*, *Ecce Homo*, *The Wagner Case* and *The Posthumous Fragments*, all written between the years 1883 and 1888. We think that the study of the concept becomes indispensable for a better understanding of Nietzsche's late philosophy, especially in order to understand the critique of values that he conducts against modern western society, therefore this work also contributes to the Nietzsche research.

Keywords: Nietzsche, *Décadence*, Philosophy, Values, Modernity

ABREVIATURAS DAS OBRAS DE NIETZSCHE

As referências feitas às obras de Nietzsche seguem a convenção estabelecida pela edição Colli/Montinari das Obras Completas de Nietzsche, com o acréscimo das siglas em português. Seguimos, assim, o padrão de abreviaturas estabelecido pelos *Cadernos Nietzsche* – publicação do Grupo de Estudos Nietzsche da Universidade de São Paulo (GEN).

1. Siglas de Nietzsche

FW/GC - *Die fröhliche Wissenschaft (A gaia ciência)*

JGB/BM - *Jenseits von Gut und Böse (Para além de bem e mal)*

GM/GM - *Zur Genealogie der Moral (Genealogia da moral)*

WACW - *Der fall Wagner (O caso Wagner)*

GD/CI - *Götzen-Dämmerung (Crepúsculo dos ídolos)*

NW/NW - *Nietzsche contra Wagner (Nietzsche contra Wagner)*

AC/AC - *Der Antichrist (O anticristo)*

EH/ EH - *Ecce Homo (Ecce homo)*

2. Traduções.

Nas citações da obra de Nietzsche, adotamos a tradução de Paulo César de Souza, publicado pela editora Companhia das Letras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo I- A relação entre fisiologia e <i>décadence</i>	
1.1 - Psicofisiologia nietzscheana – O corpo como fio condutor.....	12
1.2 - O conceito de vontade de potência.....	15
1.3 - O conceito de <i>décadence</i>	18
Capítulo II – O processo histórico da <i>décadence</i>	
2.1 – A razão socrática como ponto de partida no processo de <i>décadence</i>	21
2.2 - Cristianismo: A intensificação da <i>décadence</i>	27
2.3 – A <i>décadence</i> de Wagner, o artista <i>moderno par excellence</i>	42
Considerações finais	51
Referências	53

INTRODUÇÃO

O problema da decadência sempre esteve presente no pensamento nietzschiano, mas é nos textos do último período do filósofo que se torna um dos conceitos essenciais de sua filosofia. Ele se fará presente em grande parte dos textos e fragmentos póstumos escritos entre o ano de 1883 a 1888, a considerada fase madura de sua obra. Contudo, Nietzsche dará, neste período, uma nova interpretação para o conceito, passando a utilizar o termo francês *décadence*.

É por este motivo que esta pesquisa se concentra especificamente nessa fase tardia¹, pois é exatamente o período em que o conceito possui maior ocorrência. Para abordar a questão da *décadence* nos remeteremos às obras *Além do bem e do mal*, *Assim falou Zaratustra*, *Anticristo*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Ecce Homo*, *O Caso Wagner* e os fragmentos póstumos. A metodologia utilizada será o método de leitura imanente, ou seja, ficaremos restritos somente aos textos nietzschianos.

É a partir da leitura dos *Essais de Psychologie Contemporaine* (1883), escrito pelo crítico literário francês Paul Bourget, que Nietzsche passará a utilizar o conceito de *décadence*. No entanto, é preciso demarcar a distância da utilização deste conceito nos respectivos autores, objetivo que extrapola o escopo desta pesquisa. Aqui, basta mencionarmos a influência que Bourget exerce sobre o filósofo alemão, influência que pode ser observada em passagens de *O Caso Wagner*, onde Nietzsche reconhece no compositor de *Tristão e Isolda*, aquilo que designará neste texto por *décadence*. O filósofo chega até reescrever uma frase de Bourget, onde descreve que a *décadence* literária se dá “Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna

¹ Embora não haja um consenso entre os estudiosos do filósofo, esta fase denominada tardia abrange todos os escritos entre o ano de 1883 a 1889, sendo eles: *Para além do bem e do mal* (1886), *Genealogia da Moral* (1887), *O Anticristo*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Ecce Homo* e *O Caso Wagner* estes últimos todos escritos no ano de 1888.

soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo - o todo já não é mais um todo” (WA/CW §7).

Vários intérpretes renomeados, tais como Patrick Wotling, Wolfgang Müller-Lauter, Giuliano Campioni, se propuseram á tarefa de pensar, sob pontos de vista diferentes, o problema da *décadence* nietzschiana. Mas parece haver um certo consenso entre eles, no qual a *décadence* se revela, para o filósofo alemão, um problema da vontade de potência: ela é uma redução da vontade, um enfraquecimento da vontade criadora, que compromete, por sua vez, o desenvolvimento benéfico entre as várias partes que compõe um organismo, o que impossibilitaria a constituição de qualquer projeto, seja ele social ou artístico, de uma maneira coesa, estruturada.

Segundo Müller-Lauter: (1999, p.18), a característica principal da *décadence* é a desagregação da vontade, o que leva à anarquia dos elementos estruturantes da obra. Müller-Lauter comenta: “No Caso Wagner, logo após a paráfrase de Bourget, Nietzsche falara da “anarquia dos átomos” (MÜLLER-LAUTER, 1999, p.18), e da “desagregação da vontade” como características de toda *décadence* (WA/CW § 7). Deste modo, podemos afirmar que o caráter dominante da *décadence* seria a anarquia dos instintos. Segundo Nietzsche, quando os instintos brigam entre si, sente-se a necessidade de criar um contratirano, ou seja, um instinto que domine todos os outros que se faziam rebeldes. (GD/CI, "O problema de Sócrates", §9).

Partindo dessa compreensão, podemos perceber que a *décadence* possui uma relação íntima com a fisiologia, a qual também possui um caráter especial na filosofia tardia do filósofo. Ele recorre a ela para fazer uma análise dos sintomas de combate entre os impulsos do corpo.

Para Nietzsche, o problema da *décadence* teve seu surgimento na Grécia antiga, com o filósofo Sócrates. Em um fragmento póstumo da primavera de 1886, Nietzsche declara “a filosofia grega a partir de Sócrates como sintoma de uma doença e, conseqüentemente, como preparação do cristianismo” (NF/FP 5[50]). Esse processo, iniciado com Sócrates, terá continuação com o cristianismo e culminará séculos depois na modernidade, onde Nietzsche atacará Richard Wagner como artista da *décadence* par excellence. Podemos considerar o problema da *décadence* um procedimento

genealógico. É entre a *décadence* socrática e a *décadence* moderna, que se situará a religião cristã, formando uma ponte entre as duas.

Para essa investigação, no primeiro capítulo abordaremos a relação entre fisiologia e o conceito de *décadence*, que é algo de suma importância para podermos entender a crítica nietzschiana à Sócrates, à religião cristã e à arte de Wagner, sendo essa última o “resumo” da modernidade. Após compreendermos o importante sentido do termo “fisiológico”, passaremos à analisar a psicofisiologia nietzschiana, que confere ao corpo e aos instintos, papel central, este pensamento do filósofo é algo inédito, pois se desvincula dos teóricos e psicólogos anteriores, que conferiam essa centralidade à consciência, ao “Eu”, cedendo espaço a uma pluralidade subjetiva. Veremos como Nietzsche relaciona intimamente a vida com o conceito de vontade de poder e diferencia as constituições orgânicas em dois tipos: forte e fraca, sendo esta segunda, sintoma de *décadence*.

No segundo capítulo abordaremos o processo histórico do problema da *décadence*, sendo a razão socrática o ponto inicial deste processo. Desta maneira, Sócrates é apontado como o grande primeiro *décadent* da história ocidental. Buscaremos compreender de que modo sua *décadence* refletiu em sua filosofia, onde a superfetação do lógico se mostra como a solução encontrada para domesticar os instintos desagregados, em anarquia. Logo em seguida, trazemos a religião cristã, compreendida como “platonismo para o povo”, sendo a expressão máxima da decadência, visto que Nietzsche afirma em *O Anticristo* “O cristianismo tomou partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte” (AC/AC § 5). Também será realizada a distinção entre cristianismo histórico e cristianismo autêntico, sendo este a “boa nova” de Jesus Cristo e aquele, a doutrina pregada pelo apóstolo ressentido, Paulo. E por fim, a modernidade como fruto de todo o processo de *décadence* que teve início com Sócrates e que foi intensificado pelo cristianismo, aparecerá através da crítica que Nietzsche exerce contra o compositor alemão Richard Wagner, sendo este, o artista *moderno par excellence*

Sócrates, Paulo e Wagner, aparecerão, sob a perspectiva nietzschiana, como “tipos” *décadents*. Eles servem a Nietzsche para se poder entender a *décadence* de toda uma civilização.

Nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se pode tornar visível um estado de miséria geral porém dissimulado, pouco palpável. [...] Assim ataquei Wagner, ou mais precisamente a falsidade, a bastardia de instinto de nossa ‘cultura’, que confunde os sofisticados com os ricos, os tardios com os grandes. (EH/EH, “Porque sou tão sábio”. § 7)

O filósofo alemão analisa os macroprocessos culturais por meio de como os impulsos vitais se constituem. Se eles estiverem organizados hierarquicamente em uma estrutura coesa, promoverão a vida saudável e se ao contrário, se portarem de modo desestruturado e anárquico expressarão uma vida declinante. Toda o âmbito social cultural, para o filósofo alemão, será consequência de uma configuração orgânica. A cultura de um povo expressará seus estados fisiológicos, suas configurações de impulsos.

CAPÍTULO I

A RELAÇÃO ENTRE FISIOLOGIA E DÉCADENCE

1.1- Psicofisiologia nietzscheana – O corpo como fio condutor

Em seus últimos escritos, Nietzsche ressalta a importância de se recorrer à fisiologia para se poder examinar o que, para ele, trata-se de sintoma de confrontos entre impulsos do corpo. Ao analisar as produções culturais do homem (filosofia, política, moral, arte, religião) deve-se considerar as configurações instintivas que enalteçam ou façam a vida declinar. Para o filósofo, todo o âmbito sócio cultural é, em última instância, consequência de uma configuração orgânica, que se bem estruturada, expressa-se por meio do florescimento das forças vitais, da plenitude, ao passo que uma má estruturação tem como resultado a corrupção, a decrepitude, o enfraquecimento dessas mesmas forças. Por fim, a cultura de um povo expressará seus estados fisiológicos. (MÜLLER- LAUTER, 1999, p. 23).

Ao se buscar entender a importância que a fisiologia tem na obra Nietzscheana, é preciso ser cauteloso, para os significados que se encerram na expressão “fisiológico”. Um primeiro significado de tal expressão faz referência ao corpo. O termo “fisiológico”, neste caso, como aponta Müller-Lauter é o que “determina de modo somático os homens”. “Remete, com frequência, às funções orgânicas ou ao afetivo no sentido de imediato corpóreo” (MÜLLER-LAUTER, 1999, p.22). No entanto, é preciso considerar outro sentido do termo posto em questão. Nietzsche irá compreender os processos fisiológicos como luta de *quanta* de potência. Sendo que este último sentido também vai abarcar

o âmbito social, sendo que em alguns escassos aforismos, também vai remeter ao inorgânico. Mas o importante a ressaltar é que os processos sociais, assim como os biológicos, são resultado de uma relação de domínio, de impulsos que lutam por mais poder. Como evidencia Frezzatti, Nietzsche não irá diferenciar a cultura e a biologia radicalmente. Sua fisiologia remete-se “às relações organismo/organismo, organismo/cultura e cultura/cultura” (FREZZATTI, 2005, p. 65). Em todas essas esferas, trata-se de luta entre *quanta* de potência por mais florescimento, crescimento, expansão.

A fisiologia assume papel primordial na filosofia tardia de Nietzsche e é de extrema importância compreender seu sentido para entender o significado das considerações do filósofo acerca das formações culturais do ocidente, como, por exemplo, suas reflexões acerca do nascimento da moral, o socratismo, a religião cristã, a música de Wagner, a modernidade. A cerca de tais fenômenos, Nietzsche busca compreendê-los em suas raízes, analisar quais foram as configurações de impulsos vitais apropriadas a seus surgimentos. Assim sendo, o filósofo assume para si o trabalho de remontar fenômenos culturais às suas causas fisiológicas. Os instintos, os impulsos inconscientes é o que há de mais significativo nessas manifestações. Nesse sentido, as construções do homem, sejam elas artísticas ou intelectuais, são expressões, resultados, sintomas de uma dinâmica que não se dá no campo da consciência. Dessa forma, Nietzsche irá romper com as perspectivas filosóficas e psicológicas que igualam o psíquico ao consciente (GIACÓIA, 2004, p. 22).

Segundo o filósofo alemão, a consciência, em sua essência, é supérflua, sendo que a vida poderia se dar em sua totalidade sem a obrigação de pensar em si mesma. Isto envolve a vida pensante, querente e sensível (*FW/GC*, § 354). Mas então qual seria o papel da consciência? Ela surgiria a partir de uma necessidade dos homens se comunicarem entre si. Enquanto solitário, o ser humano se mostra uma criatura bastante vulnerável, a consciência surge para conectar um homem ao outro, transmitir pensamentos, comunicar ações, com o objetivo de acolhimento, proteção e fortificação de seus semelhantes. Por conseguinte, a consciência seria um sintoma daquilo que há de gregário, rebanho e comunidade no homem e não da sua existência individual. “Meu pensamento, como se vê, é que a consciência não pertence

essencialmente á existência individual do homem, mas, ao contrário, á parte de sua natureza que é comum à totalidade do rebanho” (FW/GC §354).

Nietzsche direciona duras críticas aos psicólogos que o antecederam ao compreender a consciência como superfície. Assim diz o filósofo: “toda a psicologia até o momento, tem estado presa a preconceitos morais: não ousou descer às profundezas” (JGB/BM, § 23), quer dizer: procurou entender o homem através do que há de menos necessário e menos importante. Sendo assim, pensar a “alma” humana determina que a psicologia encontre “novos princípios”, que ela se arrisque a descer ao que mais foi menosprezado por ela: aos instintos, ao corpo.

Os novos parâmetros psicológicos concedidos pelo filósofo fundamentam-se em uma multiplicidade subjetiva, em uma pluralidade da vontade, dos instintos e dá ao “Eu” a condição de “fábula”, “ilusão”, “ficção”, “jogo de palavras”, dando espaço à outra noção de subjetividade. A importância da consciência é substituída pela prioridade dos instintos, deste modo, a primeira se inclui entre as atividades dos segundos, e não como antagônica a eles. Aliás, é importante ressaltar que o pensamento consciente é visto como correspondente de exigências fisiológicas (JGB/BM § 3). O primado dos instintos em relação às produções do “espírito” se coloca em evidência em um aforismo de *Além do bem e do mal*, no qual a moral é caracterizada como *semiótica dos afetos* (JGB/BM, § 187), e também em um trecho do prólogo de *A gaia ciência* onde Nietzsche interpreta as atividades humanas, filosofia e ciência, por exemplo, como sintomas do corpo. Elas são *expressões de necessidades fisiológicas* disfarçadas de “objetividade, pura espiritualidade, idéia” (FW/GC, Prólogo, § 2).

Da mesma forma que filosofia, ciência e moral, toda e qualquer produção do “espírito” humano é, segundo o filósofo alemão, decorrência de interpretações do corpo. É notório dizer ainda, que este último não deve ser entendido apenas como um agrupamento físico-químico e sim como um conjunto de vontades e impulsos em constante relação. São os impulsos em constante interação, relacionando-se uns com os outros, que compõe uma unidade orgânica. “Nosso corpo é apenas uma estrutura social de muitas almas”, afirmará Nietzsche. (JGB/BM, § 19) O próprio pensar, é entendido

como apenas uma ligação entre impulsos, não havendo um “eu” substancial, idêntico, unitário (*JGB/ BM § 36*).

É com sua fisio-psicologia que Nietzsche coloca em questão as definições de alma e corpo enquanto naturezas distintas, definição que remonta a Platão e prevaleceu até então. Corpo e mente estão profundamente interligados, como estrutura relacional, como unidade (*ZA, Dos desprezadores do corpo*). A própria racionalidade (“pequena razão”) é colocada como acatando a uma razão mais coletiva, a razão do corpo (“grande razão”). Mas não se trata apenas de uma inversão, o que sustentaria a dualidade. O que o filósofo faz é nos convidar a outras distintas interpretações do conceito de alma, tais como: “alma como pluralidade do sujeito e alma como estrutura social dos impulsos e afetos”. A maior questão é conceber o “espírito”, os instintos, a consciência como integrantes de uma mesma totalidade: o corpo. “Mas o homem já desperto, o sabedor, diz: ‘eu sou todo corpo e nada além disso ; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo’” (*ZA, Dos desprezadores do corpo*).

Quando dá ao corpo papel central, Nietzsche ataca a tradição metafísica com duros golpes de martelo. Esta, segundo o filósofo, sempre tratou o corpo e suas funções com desprezo, chegando a determinar uma oposição entre inteligível e sensível, alma e corpo, espírito e matéria, nutrindo desinteresse pelo segundo grupo. Conforme nos aponta Giacóia, alma e corpo para Nietzsche se constituem como uma unidade, o corporal e o psíquico *não* são drasticamente opostos; “aliás, a *psique* não é senão uma extensão , um subsistema dentro do sistema mais global, que é o corpo” (Giacóia, 2004, p.71).

Aliás, segundo a concepção nietzschiana, conceder privilégio ao espírito e colocar o corpo em segundo plano, não passa de uma interpretação do próprio corpo, que é sintoma de uma unidade orgânica doente, aflita de si; corpo que quer sucumbir e por isso mesmo calunia a vida, deprecia a si mesmo, objetiva um “além”, “um plano inteligível”, uma alma etérea. Todos esses sintomas se expressam enquanto contradições fisiológicas, características de um enfraquecimento da vontade de vida, constituída como vontade de potência.

1.2- O conceito de vontade de potência

Na obra *Assim falou Zaratustra*, vontade de potência se caracteriza como aquilo que se manifesta no universo humano como vontade de conhecer a verdade, vontade de racionalização do existente e como vontade que age em toda avaliação de valor. Nessa mesma obra, Nietzsche identifica a vontade de poder com a vida. “Onde encontrei vida, encontrei vontade de poder”, afirmará ele (ZA, II, *Da superação de si*). Tudo aquilo que vive possui um vínculo de dominação (mando e submissão) entre si. Entretanto, essa maneira de se relacionar não é particular ao convívio com outro vivente; a própria vivência individual é concebida como detentora de uma dinâmica de relações de domínio e sujeição interna. Existe uma pluralidade de vontades de poder em combates entre si, que se configuram como unidade, em cada ser vivo. Todavia, como ressalta Müller-Lauter, “unidade é unidade apenas como organização” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 75). Para Nietzsche, toda individualidade é algo complexo, é uma unidade de uma multiplicidade de *quanta* de poder que podem se organizar de maneira harmônica, hierarquizada ou de maneira anárquica, desestruturada; o que causará, como veremos adiante, o florescimento, a saúde ou o declínio, a doença dessa mesma estrutura orgânica.

Quando afirma que a vida é vontade de poder, Nietzsche a situa em outro lugar que não o da mera luta por continuar na existência. Deste modo, é preciso ressaltar a distância entre o instinto de conservação e a vontade de poder. As relações dinâmicas de desenvolvimento da vida é de se auto superar, isto é, de aumento do grau de potência. Essa concepção se mostra de tamanha importância para podermos compreender a fisiologia nietzschiana.

Segundo o filósofo alemão, a predominância do impulso de autoconservação é um indício de um estado de escassez vital, de que o instinto primordial da vida – crescimento de poder – sofre delimitação; O instinto de autoconservação em nada se assemelha com o instinto fundamental da vida; é antes um sintoma de degenerescência da mesma. Enquanto vontade de poder, a vida pode, inclusive, renunciar a autoconservação. A luta ininterrupta de todo ser vivo é por crescimento, expansão, chegando até mesmo a um desperdício.

De acordo com Nietzsche, a luta pela existência é resultado de uma deficiência da vontade de poder.

Os fisiólogos deveriam refletir antes de estabelecer o impulso de autoconservação como o impulso cardinal de um ser orgânico. Uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão a sua força — a própria vida é vontade de poder —: a autoconservação é apenas uma das indiretas mais freqüentes *conseqüências* disso. — Em suma: nisso, como em tudo, cuidado com os princípios teleológicos supérfluos! — um dos quais é o impulso de autoconservação (Nós o devemos à inseqüência de Spinoza). (*BM*, § 13)

É de suma importância, ressaltar que quando Nietzsche restringe a vontade de poder á vida e as relações de um ser vivo com outro, ele exclui dela qualquer caráter transcendente. Ela não deve ser concebida como algo metafísico, pois as relações entre os seres e a vida não se estendem além dos fenômenos, como resalta Scarlett Marton (1990, p. 37).

Ainda que o filósofo alemão situe na obra *Assim falava Zaratustra* a vontade de poder na esfera vital e suas interações, à vontade de conhecimento e às apreciações de valor, em *Além do bem e do mal* ele a coloca em uma compreensão mais abrangente, passando também a corresponder ao inorgânico, sendo assim, passaria a ser exercida em toda e qualquer relação entre o todo existente. A vontade de poder é algo inerente ao que existe.

— Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda nossa vida instintiva como elaboração e ramificação de uma forma básica de vontade — a vontade de poder, como é *minha tese* — ; supondo que pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição — é um só problema —, então se obteria o direito de definir *toda* força atuante, inequivocamente, como *vontade de poder*. O mundo visto de dentro , o mundo definido e designado conforme seu “caráter inteligível” — seria justamente “vontade de poder” e nada mais. — (*BM*, § 36)

É imprescindível destacar que o conceito “vontade de poder” direcionado ao cosmológico, parece conter apenas um caráter hipotético, a maioria das aparições do conceito em questão se dá no âmbito do fisiológico.

Segundo Friedrich Nietzsche, os organismos individuais são dispostos de acordo com o modo de organização das vontades que estão em combate o tempo todo por poder. Esse processo das relações de domínio também está presente nas relações de unidades orgânicas entre si. Organismos individuais também podem se estabelecer produzindo complexos de unidade de *quanta* de poder que, por sua vez, conservam entre si relações de domínio (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 96). É com base nessa concepção que o filósofo irá conceber instituições, classes sociais, grupos políticos, como “macroorganismo”, como “corpos” que se caracterizam enquanto complexos de *quanta* de poder, e dessa forma, podem se organizar de maneira hierárquica ou anarquicamente, de maneira a proporcionar o florescimento ou o enfraquecimento de suas forças.

1.3 – O conceito de *décadence*

A fisiologia de Nietzsche define as constituições orgânicas em dois tipos: forte e fraca. A primeira apresenta sua configuração de instintos organizada de maneira estruturada, ao passo que a segunda é constituída de instintos em anarquia ou que se comportam de modo tirânico. O filósofo afirma que toda constituição vital forte se apresenta como uma composição harmônica, onde os instintos estão organizados hierarquicamente. Essas configurações sempre irão expressar um caráter de florescimento, crescimento, acúmulo de forças inerentes à vida, visto que os instintos que predominam são os que favorecem a vida sadia, plena. Já as configurações fracas são constituídas por instintos dispostos de maneira não-hierarquizada, que são considerados contradições fisiológicas. Seus sintomas são de conservação, enfraquecimento ou negação da vida. O complexo orgânico mal estruturado, vive em um movimento de degenerescência fisiológica, intitulado “*décadence*”.

O termo *décadence*, dentro da filosofia nietzschiana, deve-se à influência que o filósofo sofreu a partir da leitura do primeiro volume² dos *Essais de Psychologie Contemporaine* (1883), escrito pelo crítico literário francês Paul Bourget, que foi lido por ele com profunda empatia: “Paul Bourget, que de longe se mostra como aquele que mais se aproxima de mim” (NF/FP 25[9] 1888). A respeito do assunto, Müller-Lauter afirma:

Desde cedo Nietzsche refletiu sobre a *questão da décadence*, mas só em 1888, em seu último ano de atividade, a *palavra* converteu-se num dos conceitos centrais do seu filosofar. Para tanto, concorreu a leitura que fez do primeiro volume dos *Essais de Psychologie Contemporaine* (1883) de Paul Bourget, onde encontrou o conceito empregado de maneira específica” (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 12)

No entanto, é preciso demarcar a distância da utilização deste conceito nos respectivos autores, objetivo que extrapola o escopo desta pesquisa. Aqui, basta mencionarmos a influência que Bourget exerce sobre Nietzsche, influência que pode ser observada em passagens de *O Caso Wagner*, onde Nietzsche praticamente diz o mesmo que Paul Bourget, porém, ocultando a procedência:

Como se caracteriza toda *décadence* literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo — o todo já não é mais um todo [...] O todo já não vive absolutamente : é justaposto, calculado, posição, um artefato (WA/CW, 7)

Dentro da filosofia nietzschiana, o termo “*décadence*” indica um processo de desagregação de uma organização vital específica, onde os impulsos, colocados em relações de domínio, acarretam uma anarquia dos mesmos, *processando*, dessa maneira, o fim de uma estrutura organizada hierarquicamente (GIACÓIA, 1997, p. 20-21). A anarquia ocorre quando, no decorrer da luta, todos os impulsos querem o domínio absoluto. Refere-se a uma unidade que é ameaçada por forças que visam a desagregação dessa mesma unidade, sendo capaz de fazer com que os impulsos que desejam a

2 O primeiro volume contava com ensaios sobre Baudelaire, Renan, Flaubert, Taine e Stendhal

desestruturação de determinada constituição vital domine os demais, *tiranicamente*. Dessa forma, teremos como resultado uma organização dos impulsos por apenas uma corrente instintiva, no lugar de uma constituição predisposta harmonicamente (GIACÓIA, 2004, p. 43 e 71). S

É se utilizando de seu conceito de *décadence* que o filósofo irá avaliar as produções da civilização ocidental. Todas estas produções serão compreendidas por ele como expressões fisiológicas, sua origem refere-se a um *retrocesso* vital, a um vagaroso processo de decadência, de desorganização instintiva, fundamento em processos orgânicos, onde constata-se uma oposição à as relações entre os impulsos que estimulam a vida e , sendo assim, processo de *décadence*.

É nos últimos escritos de Nietzsche, a chamada fase tardia de sua obra, que o tema da *décadence* se torna fundamental. E 1888, é o ano em que o filósofo publicará todos os seus últimos livros que abordam explicitamente da *décadence* a partir de diversas máscaras. O *Anti-Cristo* pode ser lido como a *décadence* eternizada pelo cristianismo; *Crepúsculo dos Ídolos* como uma tentativa de “*auscultar ídolos*” de épocas remotas, ídolos que foram perpetuados na história e descobrir o “som oco” proveniente da *décadence* que se oculta dentro deles — como Nietzsche nos apresenta em o Problema de Sócrates; *Ecce Homo*, onde Nietzsche coloca a si próprio no âmbito da *décadence* e, por fim, *O Caso Wagner*, como um diagnóstico da *décadence*, que na visão de Nietzsche, representa a modernidade.

Em *O Caso Wagner*, Nietzsche declara que não se ocupou tão profundamente com algo como se ocupou com o problema da *décadence*: “O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* — para isso tive razões” (WA/CW, Prólogo). A *décadence* da modernidade é, para o filósofo, um desenvolvimento de um processo histórico-genealógico, e será nos gregos, pontualmente com o aparecimento do filósofo Sócrates, que ele verá o surgimento de tal problema. No NF/FP 5[50] da primavera de 1886 , Nietzsche afirma “a filosofia grega a partir de Sócrates como sintoma de uma doença e, conseqüentemente, como preparação do cristianismo”. Segundo o filósofo alemão, o processo de *décadence* que teve início com Sócrates irá ter continuidade com o cristianismo e se prolongará nos séculos posteriores tendo seu ápice na modernidade.

CAPÍTULO II

O PROCESSO HISTÓRICO DA *DÉCADENCE*

2.1 – A Razão socrática como ponto de partida no processo de *décadence*

Aqui abordaremos a relação entre a razão e o conceito de *décadence*. Para isso, nos remontaremos, segundo Nietzsche, ao primeiro e grande decadente da Grécia antiga: o filósofo Sócrates. Neste caso, a obra abordada será *Crepúsculo dos Ídolos*.

É com o surgimento de Sócrates, precisamente, que Nietzsche verá o início do problema da *décadence*. O filósofo alemão irá conceber o filósofo grego como um paradigma da constituição fisiológica dos grandes sábios.

Sócrates serve como um modelo da condição fisiológica dos grandes sábios. Com isso queremos dizer que, mais do que uma análise do Sócrates histórico, Nietzsche investiga os sintomas de um tipo, aquele cuja degeneração impulsional provoca a exarcebação da racionalidade. “Sócrates” aqui, designa uma população de configurações de impulsos cujos sintomas de decadência são semelhantes — produzem a filosofia metafísica dualista (FREZZATTI, 2008, 311-2)

Sócrates, segundo Nietzsche, é sinônimo do “decaimento”, da “dissolução grega” e sua esperteza foi perceber que o que nele era sintoma de degenerescência, já havia se alastrado por toda Atenas: Em toda parte os instintos estavam em anarquia; em toda parte se estava a poucos passos do excesso: o *monstrum in animo* era o perigo geral. “Os instintos querem fazer o papel de tirano; deve-se inventar um *contratirano* que seja mais forte” (GD/CI, II, § 9). Sócrates ao diagnosticar o perigo causado pelo excesso, irá inventar um remédio para a autoconservação, que consiste em uma fórmula para tiranizar os instintos, dando fim à anarquia e a luta dos mesmos, subordinando-os de maneira radical. Para conter tal tirania dos instintos, o mestre de Platão, se utilizará da razão, sendo vista por ele, como a única alternativa para dar fim à desagregação instintiva. Ao tornar a racionalidade como meio de subordinação dos instintos, Sócrates, afirma Nietzsche, revela que sua constituição fisiológica é decadente. “Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto” (GD/CI, II, § 11)

A necessidade socrática de avassalamento dos instintos por meio da razão está intimamente relacionada, de acordo com Nietzsche, com a perda de suas forças vitais, causada pela *décadence*. Sócrates era apenas um exemplo, da degenerescência, “seu caso era, no fundo, apenas o caso extremo, o que mais saltava aos olhos, daquilo que então começava a se *tornar* miséria geral: que ninguém era mais senhor de si, que os instintos se voltavam uns *contra* os outros (GD/CI, II, § 9).

Toda a cidade de Atenas decaía em meio ao esgotamento da vida. Sócrates percebeu que sua decadência não era um caso particular, mas que a tirania dos instintos, se manifestava por toda a *pólis*, afetando inclusive a “nobreza”. Sua grande sabedoria foi então perceber que seu remédio serviria para todos, que seu método de autoconservação poderia ser eficaz igualmente nos outros cidadãos. “Mas Sócrates intuiu algo mais. Ele enxergou por *trás* de seus nobres atenienses; entendeu que seu próprio caso, sua idiosincrasia de caso já não era exceção. A mesma espécie de degenerescência já se preparava silenciosamente em toda parte: A velha Atenas caminhava para o fim.” (GD/CI, II, §9)

A cultura ateniense passava por uma crise, estava se descaracterizando, não possuía mais um estilo próprio. Na luta por mais vontade de potência, todo impulso tem potencial para ser senhor e dominar os outros impulsos, mas quando há uma desintegração dos impulsos, quando eles se tornam independentes entre si, não há nenhum que consiga se sobrepor aos outros. Sócrates então percebeu que havia uma imensa necessidade de algo forte, para conseguir exercer o controle sobre esses instintos em anarquia. E foi com isso, apesar de tudo, que a proposta socrática teve êxito entre a população ateniense. Um organismo carente de potência, não suporta a guerra entre os impulsos e então para suavizar essa batalha, foi preciso a exaltação do lógico, do teórico: tudo, então, deveria se sujeitar á Verdade absoluta, que é imutável e racional, mas principalmente, possui um caráter transcendente – que designa um outro lugar, um outro mundo, com outras condições (FREZZATTI, 2008, p. 316). Um lugar perfeito e que não ofereça ameaças à preservação da vida. Com isso, o verdadeiro mundo, é rejeitado e com ele, os próprios instintos humanos são suprimidos.

Para Nietzsche, a única saída possível para Sócrates, foi a exaltação da racionalidade. O único remédio eficaz para ele, era a estreita ligação entre verdade e moral. A razão possuiria uma luz, que iluminava e agia contra as vontades mais obscuras.

A racionalidade foi então percebida como salvadora, nem Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais – isso era de *rigueur* [obrigatório], era seu último recurso. (...) estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou – ser *absurdamente racionais...* (GD/CI, II, § 11)

Sendo o mais enfermo, entre todos os enfermos, o mestre de Platão se vê capaz de criar uma *redenção*, algo que medicaria todos os malogrados. Dá início então a uma primeira subversão dos valores gregos, quando inventa a dialética, que consiste na ascensão da plebe e da negatividade ao primeiro plano, opondo-se ao gosto “aristocrático”, o gosto pela luta e pela vivência trágica. Nietzsche entende que com a ascensão da plebe, simultaneamente ocorre a ascensão dos *décadents*, ou seja, daqueles que negam a vida. A

condenação de Sócrates, de corrupção da juventude, foi justamente por causa de sua dialética, pois ela não fazia parte das boas maneiras. “Escolhe-se a dialética apenas quando não se tem outro recurso. Sabe-se que ela suscita desconfiança, que não convence muito. Nada é mais fácil de apagar do que um efeito de dialético: isso é demonstrado pela experiência de toda assembleia em que se discute” (GD/CI, II, § 6)

O grande homem, ou seja, o nobre, o aristocrata, não precisa expor a razão de seus pensamentos e muito menos a de seus atos. Ele simplesmente manda, ordena, não precisa provar ou fundamentar coisa alguma. “Coisas de respeito, como homens de respeito, não trazem assim na mão os seus motivos. É indecoroso mostrar todos os cinco dedos” (GD/CI, II, § 5) A dialética seria a única saída encontrada para solucionar a decadência dos impulsos dos doentes. “A dialética pode ser usada apenas como legítima defesa, nas mãos daqueles que não possuem mais outras armas” (GD/CI, II, § 6).

Para o filósofo do martelo, a dialética se mostra tão ineficiente, que seu uso só é compreendido quando não há mais outros recursos, ou seja, quando a situação é alarmante e desesperadora. Se mostra como um recurso para que os instintos em desagregação possam se configurar e encontrar para si, um porto seguro, algo que detenha o fluxo contínuo do vir-a-ser. Se mostra como uma procura desesperada para encontrar algo fixo, que faça com que as coisas permaneçam imutáveis. Uma tentativa fracassada de tentar deter a realização plena da decadência.

Mais do que um meio desesperado de conservação do mesmo, a dialética é sobretudo uma forma de vingança. “Como dialético, tem-se um instrumento implacável nas mãos; pode-se fazer o papel de tirano com ele; expõe-se o outro ao vencê-lo” (GD/CI, II, § 7). Os plebeus ressentidos ressurgem contra os nobres, onde os impulsos adquirem cada vez mais potência, e tentam enfraquecê-los. “O dialético tira a potência do adversário. – Como? A dialética é apenas uma forma de vingança em Sócrates? (GD/CI, II, § 7).

O método dialético se mostra desprovido de caráter porque ridiculariza o interlocutor ao fazer com que ele tente provar que não é irracional. Mas apesar de todas suas objeções, este recurso, assim como o seu propagador, obteve grande êxito, produzindo um enorme fascínio entre os gregos. A

sapiência de Sócrates fez que ele usasse o encantamento que o gosto grego tinha pela disputa e dessa forma atraiu também os “nobres”, pois a partir de então, a dialética se tornou uma espécie erótica e nova de disputa.

Indiquei como Sócrates podia ser repugnante; tanto mais é preciso explicar *por que* ele fascinava. – Uma razão é que ele descobriu uma nova espécie de *ágon* [competição], da qual foi o primeiro mestre de esgrima nos círculos aristocráticos de Atenas. Ele fascinou ao mexer com o instinto agonal dos gregos – trouxe uma variante para a luta entre homens jovens e adolescentes. Sócrates foi também um grande *erótico*. (GD/CI, II, § 8)

Mas, além da anarquia dos instintos, os seus vícios, a sua feiura, indícios que faziam de Sócrates um *décadent*, alguns outros sintomas também foram explicitados por Nietzsche sendo estes, considerados morais ou psicológicos. Sendo eles: alucinações auditivas, exagero nas atitudes, a maldade do raquítico. “Não apenas a anarquia e o desregramento confessos dos instintos apontam para a *décadence* em Sócrates: também a superfetação do lógico e a *malvadez de raquítico* que é a sua marca” (GD/CI, II, § 4).

Contudo, o mais estranho sintoma é a equivalência “Razão = Virtude = Felicidade”, sendo esta uma equação bizarra e extravagante que existe e que tem em sua oposição, especialmente, todos os instintos do heleno antigo, da cultura grega elevada. Só será belo e virtuoso, tudo aquilo que for racional. Equação essa, que traz à tona a necessidade do que é fixo, ou seja, valores imutáveis e a negação do vir-a-ser. Isso prova a incapacidade que o organismo degenerado tem em tolerar sua própria finitude e seu caráter mutável.

Em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche diz que ao analisar os grandes sábios da humanidade, percebe que eles não eram espíritos elevados, pois todos eles sempre partilhavam da mesma ideia acerca da vida, segundo a qual, a vida não possuiria valor algum. “Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...*” (GD/CI, II, § 1). Concluindo assim, que todos eles eram doentes, pois negar a existência é um sintoma de declínio, do enfraquecimento da potência. Negar a vida, atribuir a ela uma total falta de sentido, é sinônimo de um cansaço vital, que também pode ser provado nas últimas palavras que Sócrates disse antes de morrer:

“Até mesmo Sócrates falou, ao morrer: “Viver – isto significa há muito estar doente: devo um galo á Asclépio, o salvador” (GD/CI, II, § 1). Na Grécia antiga, os enfermos adormeciam nos templos de Asclépio, personagem mitológico relacionado à medicina, aguardando a cura, e conforme a tradição, o paciente deveria sacrificar um galo em sua homenagem, caso fosse curado. Dessa maneira, compreende-se que, ao fazer esse pronunciamento, Sócrates estava se curando de uma enfermidade — sua própria vida. Assim como todos os grandes sábios, ele era um decadente, pois avaliava a vida como uma doença, um estorvo. Tudo isto se revela como sintomas da anarquia, desagregação dos impulsos.

Com isso, o filósofo alemão nos trás, na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, que o filósofo pseudogrego não era o único caso de degenerescência, ele nos mostra que todos os homens sábios, também negaram a vida. Todos eles são, propriamente, *décadents*. A tradição de sábios, sempre procurou algo que fosse fixo, como uma verdade absoluta e com isso, aniquilou o devir e Nietzsche considera isso como a mais pura expressão de um instinto mórbido, de arruinamento. Aqui, então, Sócrates serve como modelo para designar toda a condição fisiológica dos grandes sábios, ou seja, Nietzsche tenta investigar um “tipo”, onde a desagregação dos instintos leva á uma exaltação, hipertrofia da racionalidade.

É de extrema importância ressaltar que para Nietzsche, a solução encontrada por Sócrates para salvar os malogrados, não era realmente uma cura. A saída que o mestre de Platão encontrou como forma pra livrar os cidadãos atenienses da doença, cujo principal sintoma era a anarquia dos instintos, não passou de uma ilusão, a qual ficou de herança para todos os filósofos e moralistas: querer fugir da decadência travando uma batalha contra ela. Para Nietzsche é impossível um “melhoramento” da humanidade pela moral de valores universais, considerados absolutos. Um conjunto de impulsos fracos, não se tornará mais potente simplesmente pelo fato de o homem pretender-se “bom”. Ao exaltar a razão, o que se conseguiu, foi apenas o deslocamento da expressão de decadência, ou seja, mudar o modo pelo qual ela se apresentava. O que era proposto como cura, não passava de um outro sinal de declínio.

Querer buscar a verdade e fixá-la em um lugar imutável é mais um sinal de falta de vontade de potência, é apenas um meio para se conservar, já que um organismo degenerado, considera a instabilidade, o vir-a-ser, como uma ameaça para sua existência. Querer negar os instintos através da razão é apenas mais uma expressão de *décadence*, porque a vida é movimento contínuo de auto-superação, a vida é vontade de potência e a felicidade tem uma relação íntima com os instintos.

As últimas palavras de Sócrates, foram as de que a vida era uma enfermidade, justamente, porque ele estava enfermo e ele estava muito bem consciente disto. Foi ele mesmo o causador de sua condenação à cicuta e não Atenas. “Sócrates queria morrer: - não Atenas, mas ele deu a si veneno, ele forçou Atenas ao veneno... “Sócrates não é um médico”, disse para si em voz baixa, “apenas a morte é médico aqui”. “Sócrates apenas esteve doente por um longo tempo...” (*GD/CI*, “O Problema de Sócrates”, § 12). A desagregação dos instintos, a falta de potência, de coesão não é um problema que pode ser solucionado pelo desejo dos homens. Pois a luta por mais *quanta* de potência não cessa nunca, é um contínuo devir, onde a posição de dominadores e dominados mudam o tempo todo, ocorrendo um revezamento dos papéis. Sendo assim, um organismo degenerado, enfermo, decadente, só pode superar sua posição e se transformar, se for absorvido por um sistema hierárquico com a potência elevada.

Portanto, temos em Sócrates o início de toda *décadence* da história ocidental. Sua filosofia, ao exaltar a racionalidade para subordinar os instintos em anarquia, apenas desloca a forma pela qual a *décadence* se apresenta. Nietzsche considera o filósofo de Atenas, um “tipo” *décadent* que ao descobrir sua doença, teve a pretensão de curar todos os outros enfermos, mas ao contrário, apenas criou uma nova forma de morbidez.

Entre a *décadence* socrática e a *décadence* moderna não há um salto, mas há, entretanto, um extenso processo histórico marcado pelo cristianismo, tal como aponta Nietzsche em *GD/CI* (Como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente fábula. História de um erro), bem como no prólogo de *AC/AC* “O que eu asseguro é que todos os valores nos quais a humanidade resume agora seus valores mais altos são *valores de decadence*”.

2.2 – Cristianismo: A intensificação da *décadence*

A *décadence*, como descrita anteriormente, é sintoma e também a causa de desintegração, de anarquia e corrupção dos instintos e por isso está intimamente ligada á fisiologia. E a base, segundo a qual este processo de degenerescência se dá, é precisamente a vontade de potência, ou melhor, a diminuição dela no homem, que vai culminar em uma fisiologia debilitada. A extrema negatividade em relação á vida, a vontade de nada, são sintomas de um tipo enfermo de vontade de potência, uma doença, que, sobretudo, vai se expressar fisiologicamente. Como parte da investigação do conceito de *décadence* na filosofia tardia de Nietzsche, temos aqui como objetivo investigar como a religião cristã se tornou para o filósofo a máxima expressão da decadência, para isso utilizaremos a obra *O Anticristo*.

Nietzsche considera a filosofia de Sócrates, como sendo o primeiro momento de uma decomposição da cultura ocidental. É a partir da separação entre os dois mundos, inteligível e sensível, quando o inteligível se torna inacessível, que se inicia a derrocada dos valores. Ao tornar o mundo inteligível um objeto de fé, o platonismo se converte em Cristianismo³.

O filósofo alemão, em algumas de suas obras, se ocupou de analisar a religião cristã, mas foi na obra *O Anticristo*, que tal exame atingiu seu ápice. Nela, Nietzsche vai colocar o cristianismo no âmbito fisiológico da *décadence*. Dirá que a moral que se consolidou durante o processo civilizatório, principalmente da modernidade, advém da religião judaico cristã. Os valores e ideais venerados pela civilização ocidental como virtuosos e divinos, são acusados por Nietzsche de corromper o homem. Segundo ele, estes valores onde a humanidade concentrou suas aspirações mais elevadas, são expressões do esgotamento vital, degenerescência fisiológica, em suma, valores da *décadence*. A corrupção aqui, indica uma perda dos instintos e uma anarquia dos impulsos, que faz com que o homem prefira até mesmo aquilo

3 [...] – Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para o “povo”, a luta contra pressão cristã-elesiástica de milênios – pois cristianismo é platonismo para o “povo” (*BM*, Prólogo)

que é nocivo para a vida, o que enfraquece a sua vitalidade. No aforismo 6 de *O Anticristo*, Nietzsche vai contrastar o tipo fisiológico do *décadent* com o caráter íntimo da vida e sua força de florescimento, crescimento, potencialidade:

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder; onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade – que valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados (AC/AC, § 6)

Para o filósofo iconoclasta, o representante mais expressivo da *décadence* é o cristianismo. Sendo considerado por ele, como o mais profundo antagonista dos instintos essenciais para o tipo elevado de homem. A religião cristã é um sintoma da vida decadente, porque sempre defendeu a vida empobrecida, decaída. “O cristianismo tomou partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte” (AC/AC, § 5). Em suma, nos valores do cristianismo, tudo que é nobre e cheio de forças é repellido e neles a *décadence* se corporifica.

O cristianismo é concebido por Nietzsche, como um sistema de valores que se caracteriza como uma moral de escravos. Esses valores cristãos são resultados de um movimento, onde o processo se baseia na inversão e reação de uma moral que afirma a vida e que cria os seus valores, a partir de uma totalidade de forças. Sendo assim, a moral da religião cristã se caracteriza como uma moral débil.

A religião cristã surge então como a manifestação dos instintos que se opõe à vida. O sentimento que aqui predomina é o rancor, o ressentimento contra tudo aquilo que é vital para uma constituição saudável, ou seja, para o tipo forte. O cristão enxerga a vida como fonte de sofrimento, e sendo assim, passa a negá-la. Nietzsche, no quinto aforismo de *O Anticristo*, declara que a religião cristã travou uma profunda batalha contra o instinto de vida nobre e forte bem como contra o tipo superior de homem.

Não se deve adornar e enfeitar o cristianismo: ele travou uma *guerra* de morte contra esse tipo *superior* de homem, ele proscreeu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou o mal, o homem mau, a partir desses instintos – o homem forte como o que há de tipicamente reprovável, o ‘réprobo’” (AC/AC, § 5).

Sendo assim, o cristianismo se apresenta como declínio de potência e *décadence*. Na religião cristã, opondo-se às estimativas da vida exuberante, encontra-se também, a compaixão como base para todas as virtudes (Cf. BARROS, 2008, p. 83). O cristão, movido pelo rancor que tem das manifestações de força do tipo de homem mais elevado, transforma a compaixão em instrumento contra todos os valores que dominam as construções fisiológicas ricas de vida e com isso, corrompe os instintos vitais mais essenciais nas estruturas orgânicas saudáveis. A compaixão cristã é, portanto, um sinal de que os instintos estão em desagregação e ao mesmo tempo demonstra uma luta contra os valores que constituem a vida plena, cheia de força. O filósofo alemão afirma:

Schopenhauer estava certo nisso: através da compaixão a vida é negada, tornada *digna de negação*- compaixão é a *prática* do niilismo. Repito: esse instinto depressivo e contagioso entrava os instintos que tendem à conservação e elevação do valor da vida: instrumento capital na intensificação da *décadence*, como *multiplicador* da miséria e como *conservador* de tudo que é miserável – a compaixão persuade ao *nada!* ... Mas não se diz nada, se diz “além”; ou “Deus”; ou a “*verdadeira vida*”; ou nirvana, salvação, bem-aventurança... Esta inocente retórica do âmbito da idiosincrasia moral-religiosa parece *muito menos inocente* quando se nota *qual* a tendência que veste o manto das palavras sublimes: a tendência *hostil a vida* (AC/AC, § 7).

Não somente a compaixão, mas todos os ideais que são resultados das avaliações cristãs da existência, como os conceitos de “Deus”, “Além”, “redenção”, “vida verdadeira”, escondem atrás de si tendências hostis à vida. O enfraquecimento dos instintos fundamentais da vida florescente, a negação da realidade e da natureza, a “guerra de morte contra o tipo mais elevado de

homem”, tudo isso expressa a degenerescência fisiológica que se encontra na base da religião cristã.

Nos aforismos que vão do 15º ao 19º, é que Nietzsche define o cristianismo como sendo a religião da *décadence*. Neles, o filósofo alemão vai declarar a forma religiosa em questão, como transposta por uma negatividade, uma religião antitética a natureza. O conjunto de ideais cristãos aparece como a desvalorização do efetivo, uma falsificação, um descontentamento com a efetividade. Essa necessidade de negar a efetividade é inerente á todos aqueles que cujo sentimentos de desprazer predominam sobre os sentimentos de prazer. A prevalência do sentimento de desprazer, para Nietzsche, seria de grande importância para se compreender a *décadence*. “A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a *causa* dessa moral e dessa religião fictícias; tal preponderância transmite a *fórmula* para a *décadence*” (AC, § 15). Para sofrer do real, é preciso ser uma realidade enferma, infeliz. “Quem é o único a possuir razões para se *esquivar mentirosamente* da realidade? Quem *sofre* por sua causa. Contudo, sofrer por causa da realidade, significa ser uma realidade malograda...” (AC/AC, § 15).

Ao considerar a religião cristã como expressão máxima da *décadence*, Nietzsche declara que tanto ela e sua moral, não possuem contato algum com a efetividade.

Nem a moral, nem a religião, no cristianismo, tem algum ponto de contato com a efetividade. Nada senão *causas imaginárias* (“Deus”, “alma”, “Eu”, “Espírito”, “livre-arbítrio” – ou também “cativo”); nada senão *efeitos imaginários* (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “perdão dos pecados”). Um comércio entre *seres imaginários* (“Deus”, “espíritos”, “almas”); (AC/AC, § 15)

Todas essas quimeras mencionadas acima, segundo Nietzsche, revelam um ódio ao natural, cuja manifestação é a indisposição frente ao efetivo. Por isso, são expressões da *décadence*. Até mesmo o conceito de Deus cristão, afirma o filósofo alemão, é o mais degenerado de todos, aquele que encerra em si mesmo todos os instintos da *décadence*, que ao invés de exaltar a vida, se apresenta como sua maior objeção. A divinização do nada, a *vontade de nada* santificada.

O conceito cristão de deus – Deus na condição de deus dos doentes, Deus na condição de aranha, Deus na condição de espírito – é um dos mais corruptos conceitos de deus que foram alcançados sobre a Terra; talvez ele até represente o nível mais baixo na evolução descendente dos tipos divinos. Deus degenerado em *contradição á vida*, em vez de ser sua transfiguração e seu eterno *sim!* Em Deus declarada a hostilidade á vida, á natureza, a vontade de vida! Deus, a fórmula para toda calúnia do “aquém”, para toda mentira do “além”! O nada divinizado em Deus, a vontade de nada santificada!. (AC/AC, § 18)

Para Nietzsche, a visão de “Deus transcendente”, é uma maneira de negar o “aquém”, é assumir “outro mundo” em detrimento deste. A distorção do real, a contradição com a natureza, estão expressas nessa divindade, que é concebida como antítese e condenação da vida.

Para se compreender o fenômeno cristão, segundo o filósofo de Sils Maria, é necessário que se faça uma distinção entre o cristianismo autêntico e o cristianismo histórico, sendo este último o objeto de suas críticas. O cristianismo tem suas raízes em solo judaico e é com os judeus, que o processo de negação da vida e desnaturação dos valores tem seu início. Foi para se autoconservar que falsificaram toda a realidade, tanto a exterior, como a interior. “Eles inverteram sucessivamente e de modo incurável a religião, o culto, a história, a psicologia, tornando-os *contradição de seus valores naturais*”(AC/AC, § 24).

Importante salientar que, apesar de os judeus instrumentalizarem e liderarem os movimentos de *décadence*, eles constituem, declara Nietzsche, uma antítese de todo *décadent*. O povo judeu é dotado de uma força vital e usam os mais subterrâneos instintos de *décadence* em favor da própria conservação, e é essa malícia que os tornam distintos. “(...) o povo judeu é o povo dotado da mais tenaz força vital, e que, deslocado para condições impossíveis, tomou voluntariamente, a partir da mais profunda esperteza da autoconservação, o partido de todos os instintos da *décadence* – *não* sendo dominado por eles, mas porque adivinhou neles um poder com o qual é possível se impor *contra* o “mundo” (AC/AC, § 24).

No caso do povo judeu, eles não são dominados pelas forças declinantes, elas são apenas o instrumento que eles utilizaram para poder se impor *contra* o mundo. Por esse motivo é que Nietzsche explicita que o povo judeu é contrário do tipo de *décadent*. O interesse vital dos judeus, é tornar a humanidade malograda e “inverter as noções de ‘bom’, ‘ruim’, ‘verdadeiro’ e ‘falso’ num sentido perigoso para a vida e negador do mundo”. Nietzsche afirma:

Eles são o oposto de todos os *décadents*: eles tiveram de *representá-los* até obter a ilusão de que o eram; eles souberam, com um *non plus ultra* de gênio teatral, se colocar na vanguarda de todos os movimentos da *décadence*.

(...) essa espécie de homem tem um interesse vital em a *doecer* a humanidade e torcer os conceitos “bom” e “mau”, “verdadeiro” e “falso” em um sentido perigoso à vida e caluniador do mundo. (AC/AC, § 24)

Ainda segundo o filósofo, a história de Israel consiste em uma imensa desnaturação dos valores naturais. O movimento moral da religião cristã foi propiciado por esse processo de degeneração dos valores ocorrido em Israel, compreendido como a última consequência judaica.

Quando Israel ainda se encontrava nos tempos dos reis, aí se achava uma relação natural com as coisas. Javé, que era o seu deus, se manifestava como a consciência de poder, de justiça, de alegria, de esperança em si mesmo e a culpa era algo que não existia. Nele eram esperadas a salvação e a vitória. Javé, como manifestação de confiança na natureza, recebia cultos festivos, onde o povo celebrava a autoafirmação. O povo era grato pelo sucesso na pecuária e na agricultura. Nele se confiava que a natureza daria tudo o que eles precisavam, principalmente a chuva. Havia também uma gratidão as circunstâncias que levou tal povo ao poder. “No culto festivo se expressam esses dois lados da auto-afirmação de um povo: ele é grato pelos grandiosos destinos que o levaram ao topo, ele é grato em relação ao ciclo das estações e a todo o êxito na pecuária e na agricultura” (AC/AC, § 25).

Nietzsche declara que, frente às fragmentações internas e ameaças externas, todo esse estado de coisas deixam de existir, porém, continuam

como ideal. A vontade de se ter um rei que fosse juiz e guerreiro, permanece; mas essa expectativa acaba por fracassar. Javé, o antigo Deus, já não resistia ao poder de antes e ao invés de ser abolido, junto com o poder de Israel, ele continua. No entanto seu conceito sofre modificações, os sacerdotes começam a utilizar o conceito de Deus como um instrumento. Denotam a felicidade, a fortuna, como uma recompensa pela obediência divina e a miséria, a desventura como castigo por não se obedecer á Deus. Dessa maneira passam então, a fornecer uma interpretação falsa do mundo, como se nela existisse uma “ordem moral”. Os conceitos de “causa” e “efeito”, segundo o filósofo, vão sofrer uma desnaturação, por causa dessa interpretação errônea.

Seu conceito foi *modificado* – seu conceito foi *desnaturado*: ele foi conservado a esse preço. – Jeová, o deus da justiça – não mais uma unidade com Israel, uma expressão da consciência que um povo tem de sua dignidade própria: apenas um deus sob condições... Seu conceito se torna um instrumento nas mãos do agitadores sacerdotais, que daí por diante interpretam toda felicidade como prêmio, toda infelicidade como punição pela desobediência a Deus, pelo “pecado”: a mais mendaz atitude interpretativa de uma suposta “ordem moral do mundo”, com que, de uma vez por todas, os conceitos naturais de “causa” e “efeito” são colocados de pernas para o ar. (AC/AC, § 25)

Para o filósofo do martelo, punição e recompensa retirariam do mundo toda a noção de causalidade natural, ficando em seu lugar uma causalidade antinatural, da qual surge todas as demais inaturalidades. “Quando se elimina do mundo, com prêmio e punição, a causalidade natural, precisa-se de uma causalidade *antinatural*: segue-se daí por diante, o que mais houver de desnatureza” (AC/AC, § 25).

Antes, o deus que era expressão de destemor, confiança, com a desnaturação, torna-se um deus que pune, exige e recompensa aqueles que o obedecem. E a moral, ao se tornar contrária á vida, deixa de exaltar os instintos vitais da vida abundante, plena de vigor. “*Que é moral judaica? que é moral cristã? O acaso despojado de sua inocência; a felicidade manchada pelo conceito de “pecado”; o sentir-se bem como perigo, como “tentação”; a indisposição fisiológica envenenada com o verme consciência*” (AC/AC, § 25).

Para o filósofo alemão, esse processo de falsificação, favorece o aparecimento de uma doutrina religiosa ainda mais negativa perante a vida, sendo esta, o cristianismo. A religião cristã consegue ir mais longe com a sua negatividade, porque insere até mesmo o povo judeu. Apesar de nela imperar com toda a força o instinto desse povo. Nietzsche diz ser impossível compreender o cristianismo sem antes entender sua gênese, sem compreendê-lo como produto da negação e falsificação judaica da história e do mundo. Antes de mais nada, segundo Nietzsche, o cristianismo é um fruto do judaísmo.

Num terreno assim *falso*, onde a natureza, todo valor natural, toda *realidade* tinha contra si os mais profundos instintos da classe dominante, cresceu o *cristianismo*, uma forma de inimidade mortal à realidade, que até agora não foi superada. (AC/AC, § 27)

Ao narrar sobre o cristianismo autêntico, Friedrich Nietzsche coloca em evidência que o termo “cristianismo” não passa de um equívoco. Para o filósofo, a morte na cruz representa a morte do evangelho. O que se chamou de Evangelho a partir disso, coloca-se como o inverso do que Cristo viveu, é uma “má nova”, um *disangelho*, que tem como seu principal divulgador, o apóstolo Paulo. “O evangelho *morreu* na cruz. O que a partir de então se chamou ‘evangelho’ já era o oposto do que *ele* tinha vivido: uma ‘má nova’, um *disangelho*” (AC/AC, § 39).

O que diferencia o cristão autêntico, dirá Nietzsche, não é a sua “fé” na redenção por meio de Jesus Cristo, mas sim a prática do modo de vida que Cristo teve. “É falso até o absurdo ver em uma ‘fé’, a ‘fé’, por exemplo, na salvação por Cristo, o sinal distintivo do cristão: apenas a *prática* cristã, uma vida como a que *viveu* aquele que morreu na cruz, é cristã” (AC/AC, § 39). A prática evangélica se mantém como um modo de ver, sentir, ser, viver no mundo. Dirigir o olhar apenas para a fé é um erro, pois dessa maneira, se descuida do fundamental, detendo-se na superfície, quando se deveria descer até as profundezas da “alma” cristã, aos impulsos que sentenciam e definem o modo de agir e ser do cristão. O cristianismo histórico, ao conceber a “fé” como um distintivo dos cristãos, comete um equívoco; além disso, no seu modo de

viver, sempre reinou, especificamente, os instintos declinantes. Nietzsche apontará que a “fé” sempre serviu de máscara, e por debaixo dela, os instintos mais sorrateiros do cristão agem. Segundo o filósofo, toda ação é dirigida pelos instintos, porém, durante a história, todos os homens que se intitulavam cristãos, sempre falavam de “fé”.

A fé, segundo o filósofo do martelo, seria a maior perspicácia cristã, pois ela oculta o elemento motor na raiz do cristianismo, que é o ódio ao efetivo. Sintoma, que pode ser facilmente comprovado por meio do ideário da doutrina cristã, uma vez que ele se estrutura através das formas de negação da vida, negação das diferenças e negação do mundo, que tem sua origem no judaísmo. “A fé sempre foi, por exemplo, em Lutero, apenas um manto, um pretexto, uma *cortina* atrás da qual os instintos representavam sua peça – uma cegueira esperta com relação ao domínio de certos instintos... (AC/AC, § 39).

Nietzsche, em *O Anticristo*, buscou traçar o tipo psicológico do redentor, apesar da “mutilação e sobrecarga de traços alheios”, e diz que foi apenas assim, com essa sobrecarga e mutilação, que Cristo pode ser empregado como o tipo redentor da humanidade. O filósofo vai tentar reconstruir a figura do salvador, por meio da recuperação dos traços que foram suprimidos e da aniquilação daqueles que foram acrescentados no decorrer da tradição.

Nietzsche afirma que em Cristo, justamente “o contrário de todo pelejar, de todo sentir-se em luta, tornou-se aí instinto: a capacidade de resistência, torna-se aí moral” (AC/AC, § 29). O filósofo alemão considera Jesus, como o oposto do caráter agonístico da existência, e é neste ponto que se dá a crítica Nietzscheana à obra de Ernest Renan. Para este, Jesus Cristo é qualificado como *herói* e *gênio*. Mas, para Nietzsche, todo heroísmo presume um enfrentamento do jogo agonístico de forças como fundamental para se constituir um tipo heróico.

Resistir e enfrentar são imprescindíveis para auto-afirmação do herói. E a genialidade não poderia se exprimir em um tipo que não tem como objetivo grandes feitos e descobertas. Sem vigor para se inserir no jogo de forças agonísticas do mundo e sem pretensões de ser reconhecido por descobertas e atos criativos, Jesus foi caracterizado por Nietzsche como *idiota*.

Fazer de Jesus, um *herói*! – E que mal-entendido é sobretudo a palavra ‘gênio’! Nada de nosso conceito de ‘gênio’, um conceito de nossa cultura, tem algum sentido no mundo em que vive Jesus. Falando com o rigor do fisiólogo, caberia uma outra palavra aqui – a palavra ‘idiota’. (AC/AC, § 29)

O filósofo, ao invés de herói e gênio, usa a expressão idiota, para caracterizar o tipo fisiológico de Cristo. O termo foi retirado da obra *O Idiota* de Dostoiévsky, mas não deve ser entendido como um adjetivo pejorativo. Para Nietzsche, o termo não designa um ser estúpido, tolo, mas sim um ser cândido, “mistura de sublime, enfermo e infantil” (AC/AC, § 31).

Tanto o cristianismo autêntico quanto o cristianismo histórico, se assentam em condições fisiológicas. Nietzsche constata duas efetividades fisiológicas que propiciaram a doutrina da redenção de Jesus.

A primeira, é o ódio contra tudo aquilo que é natural, um ódio instintivo a toda realidade e a segunda é “a exclusão instintiva de toda antipatia, toda inimizade, todas as fronteiras do sentimento (AC/AC, § 30). Aqui, toda reação, resistência, proporciona um profundo desgosto e é vista como ameaçadora, sobretudo á autoconservação. O amor então, como possibilidade de vida para essa condição fisiológica, surgiria como fruto da exaltação da capacidade de sofrimento. “O medo da dor, mesmo do infinitamente pequeno da dor – ele não *pode* acabar de outra maneira senão em uma *religião do amor*” (AC/AC, § 30). A paz interior, a tranquilidade, só seria possível na condição de não resistência, que é justamente condição vital para a existência de tipos como o de Cristo, ou seja, o tipo idiota.

Nietzsche entende que a personalidade cândida e inocente de Jesus é o que possibilitou que ele empreendesse o seu evangelho de maneira tão especial, pois o redentor se dirigia aos corações dos homens e não a um entendimento intelectual e lógico. Sua revolução se deu no plano da consciência efetiva, um estado de espírito humano, queria que os seus seguidores afirmassem suas vidas, vivendo em um estado de amor e alegria. “boa nova” também aboliu o distanciamento entre o humano e o divino. “Qualquer relação de distância entre o Deus e homem é suprimido – *precisamente* isso é a “boa-nova” (AC/AC, § 33). Outro traço essencial do

cristianismo autêntico é que ele não concebe as noções de culpa, castigo e recompensa. A salvação evangélica consistiria no modo de como se deve viver para ser bem aventurado. Aqui, vive-se e não se espera o estado de beatitude. A “boa nova” de Jesus se dá pela prática e não em uma projeção num além mundo, numa eternidade.

Mas, para Nietzsche, diferente da ‘boa nova’ praticada e ensinada por Jesus Cristo é o ideal cristão disseminado pelo apóstolo Paulo. Se antes a mensagem empregada por Cristo era a de que o reino de Deus era um estado do coração, a partir de Paulo, Cristo será anunciado como o redentor futuro, de um julgamento futuro, uma promessa de vingança e eternidade também futuras. Tudo o que Jesus negou, agora era assumido como mensagem cristã. Se ao morrer na cruz, Jesus quis mostrar a radicalidade da sua doutrina de não-resistência, a cruz, se tornou para o cristianismo, sinônimo de injustiça e de motivos para vingar o crucificado.

Jesus não podia querer outra coisa, com a sua morte, se não dar publicamente a mais forte demonstração, a prova de sua doutrina... Mas seus discípulos estavam longe de perdoar essa morte – o que teria sido evangélico no mais alto sentido; ou mesmo de oferecer-se para uma morte igual com meiga e suave tranquilidade no coração... Precisamente o sentimento mais “inevangélico”, a vingança, tornou a prevalecer. (AC/AC, § 40)

Ainda, de acordo com Nietzsche, Paulo é o apóstolo do rancor, do ódio e da vingança. Ele cria a antítese da “boa nova”, invertendo a prática do evangelho de Jesus. Usa a morte de Cristo como um instrumento para a negação da vida. Ao contrário de Jesus, que declarou uma prática e não uma fé, Paulo limitou o evangelho de Jesus à uma fé e não uma prática. A fé na ressurreição de Cristo deposita no além da morte toda a esperança da plenitude, o que se mostra contraditório a toda prática ensinada por Jesus. Nas palavras do filósofo: “Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade de toda aquela existência para *trás* dessa existência – na *mentira* de Jesus ‘ressuscitado’” (AC/AC, §42).

Para Nietzsche, Paulo demonstra ser alguém que necessita criar um além mundo, para poder justificar a existência. A mortalidade da alma, a práxis

sacerdotal, a ascese religiosa, a moral cristã, fazem parte desta criação. E é justamente por essa necessidade de se criar um mundo supra-sensível, que Nietzsche declara os cristãos como *décadents*, pois ela de mostra uma incapacidade de se assumir o vir-a-ser como princípio da elevação da vida. O devir para eles, se torna insuportável para sua autoconservação. O seu tipo fisiológico deve ser mantido, preservado, e os outros tipos, em ascendência, devem ser suprimidos. Isso revela o ódio cristão á toda alteridade e a toda força vital saudável. Nas palavras do filósofo:

Cristã é a hostilidade de morte ao senhores da Terra, aos ‘nobres’ – e ao mesmo tempo, uma oculta, secreta concorrência (- deixam-lhes o ‘corpo’, querem apenas a ‘alma’). Cristão é o ódio ao *espírito*, ao orgulho, coragem, liberdade, *libertinagem* do espírito. (AC/AC, § 21)

De acordo com Friedrich Nietzsche, o cristianismo travou uma guerra contra o tipo mais elevado de homem. E ao fazer do ressentimento e compaixão, instrumento para sua práxis, quer elevar ao altar o tipo fraco, doente, de homem. “O animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente – o cristão...” (AC/AC, §3).

Neste sentido, a religião da *décadence*, afirma Nietzsche, inventa a imortalidade da alma e a doutrina do juízo final, para poder constituir um rebanho e praticar seu poder sobre ele. Essas invenções destroem a natureza no instinto, pois provocam uma dúvida em relação ao que nele exalta a vida. A falta de um sentido da vida, no cristianismo, passa a ser o seu próprio sentido. O aqui, o agora dão lugar ao além, ao depois. A religião da *décadence* também possui a capacidade de fazer com que os fracos, malogrados e doentes, se sintam como parte de algo superior que lhe garante a eternidade. Essa salvação garantida à todas as “almas”, diz o filósofo, é um ataque ao aristocracismo, um atentado contra os alicerces nobres da humanidade.

O cristianismo travou guerra mortal, desde os mais secretos cantos dos instintos, a todo sentimento de reverência e distância entre os homens, ou seja, ao *pressuposto* de toda elevação, todo crescimento da cultura – com o *ressentimento* [ressentimento] das massas forjou

sua principal arma contra nós, contra tudo o que há de nobre, alegre, magnânimo na Terra, contra nossa felicidade na Terra (AC/AC, § 43)

Esse ataque à hierarquia reflete também no mundo político, afirma o filósofo alemão, ele está na base de todas as revoluções que procuram as vantagens para a maioria. “São os juízos de valor *cristãos*, que toda revolução apenas traduz em sangue e em crimes! O cristianismo é a revolta de tudo o que rasteja no chão contra aquilo que tem *altura* (AC/AC, § 43).

Nietzsche também vai declarar que o cristianismo, ao deturpar a “boanova” de Jesus Cristo, vai fazer emergir conceitos como culpa, castigo, pecado, que são transformados em poder, nas mãos do sacerdotes. “O pecado, repito, essa forma de autoviolação do homem *par excellence*, foi inventado para tornar impossíveis a ciência, a cultura, toda elevação e nobreza do homem; por meio da invenção do pecado, o sacerdote *domina*” (AC/AC, § 49).

O sacerdote ascético valora a vida, o mundo, a natureza, negativamente, tornando a efetividade como uma ponte para o além. Desse modo o sacerdote atua como pastor, salvador e defensor do rebanho malogrado. Por isso também se encontra entre os enfermos, pois para medicar, segundo Nietzsche, também é preciso estar doente. Mas é necessário que ele seja mais forte e possua mais domínio de si próprio que dos enfermos. Para conseguir obter a confiança e o temor dos fracos, ampará-los e dominá-los, é indispensável que ele seja inteiro em sua vontade de potência. Seu principal trabalho é cuidar do seu rebanho e defender ele contra os sadios e da inveja que eles despertam.

Ele tem que defende-lo, ao seu rebanho – contra quem? Contra os sãos, não há dúvida, e também contra a inveja que têm dos sãos; ele tem que ser o opositor e *desprezador* natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace. (GM/GM, III, § 15)

O sacerdote é considerado pelo filósofo, como “feiticeiro e dominador de aves de rapina”, porque contamina tudo o que toca. Nietzsche o entende como aquele que protege e cuida do rebanho, protegendo até de si mesmo.

Seu principal trabalho é cuidar para que o rebanho se mantenha unido, que não se desintegralize e nem se destrua, com o mal que guarda dentro de si, que é o ressentimento. O papel do sacerdote é fazer o ressentimento mudar de direção, fazendo com que ele seja interiorizado. Porque todo aquele que sofre, tem a necessidade de buscar a causa para seu sofrimento. O sacerdote então, orienta que o sofredor é ele mesmo o único responsável pela própria dor.

Eu sofro: disso alguém deve ser culpado” – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – *somente você é culpada de si!*” Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isso se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é – *mudada*. (GM/GM, III, § 15)

Ao acusar o sofredor como o próprio agente para sua dor, o sacerdote faz com que os instintos ruins dos sofredores passem a ser usados para o seu próprio adestramento e para que eles se tornem inofensivos. Essa medicação que o sacerdote usa, não cura o doente fisiologicamente, apenas aniquila o desprazer. Seu combate leva em consideração apenas o sintoma do sofrimento, não a sua causa. Assim, assume o papel de consolador de todo sofrimento.

Segundo Nietzsche, o sacerdote se aproveita do nome de Deus quando define o valor das coisas e as chama de “Reino de Deus”. Dá valor as coisas, aos povos, indivíduos, conforme eles fomentam ou prejudicam o seu poder. O sacerdote usa a “vontade de Deus” apenas como instrumento para servir-se a si mesmo. E para tornar a divina vontade conhecida, se utilizou da “Revelação” da Sagrada escritura. Outro artifício usado pelo sacerdote foi o de fazer com que os grandes momentos da vida requisitasse a sua presença.

Desde então, todos os assuntos da vida são ordenados de tal modo que o sacerdote se torne *imprescindível em toda parte*; em todos os acontecimentos naturais da vida, no nascimento, no casamento, na doença, na morte, para não falar do sacrifício (“a refeição”, eis que apreço o santo parasita para *desnaturá-los*: em sua linguagem, para “santificá-los”. (AC/AC, § 26)

Com o tipo parasita que é o sacerdote, tudo o que corresponde aos instintos vitais e que possui valor é depreciado, é julgado como contrário ao

valor. “O sacerdote desvaloriza, *dessacraliza* a natureza: é a esse custo que ele existe” (AC/AC, § 26). Ao desobedecer à Deus, ou melhor, ao sacerdote, o indivíduo é denominado “pecador”. Essa ideia de “pecado” traz consigo o conceito de culpa e uma necessidade de absolvição. E o que garante a existência do sacerdote é justamente esses elementos, “pecado”, “perdão”, “penitência”, pois são eles que garantem a submissão a seu poder, porque ele é o único capacitado para salvar as pessoas. “Princípio supremo: ‘Deus perdoa quem faz penitência’ – em linguagem franca: *quem se submete ao sacerdote* (AC/AC, § 26).

Na obra *O Anticristo*, Nietzsche termina por refutar o cristianismo, considerando-o como a grande infelicidade da humanidade, o triunfo de tudo o que é degenerado, baixo, frágil, enfermo. Desde o seu início, a religião cristã se constituiu como ódio contra tudo aquilo que é saudável, próspero. A raiva dos enfermos, os instintivos maléficos que se opõem a vida, se transforma nele, soberanos. O Deus na cruz é a simbologia que expressa toda essa *décadence*: “tudo o que sofre, tudo o que está na cruz, é divino”(AC/AC, § 51). O cristianismo se manifesta como a degenerescência vital que uniu a maioria, o homem ruim, medíocre, baixo, transformando-os em um rebanho.

A condição de existência da doutrina cristã é uma constituição fisiológica decadente. Para se converter ao cristianismo, Nietzsche declara, que é preciso estar doente, possuir uma estrutura fisiológica enfraquecida. Os valores, a religião são manifestações de uma vida florescente ou de uma vida decadente. “O cristianismo *necessita* da doença mais ou menos como a cultura grega necessita de uma abundância de saúde – tornar doente é a genuína intenção oculta de todo o sistema de procedimentos de salvação da Igreja (AC/AC, § 51).

Em suma o cristianismo é, para Nietzsche, a religião da *décadence* porque é produto da moral de um tipo fraco, cuja vontade de potência declina. O cristianismo ao se opor ao tipo forte, nobre, elevado de homem, faz emergir o tipo malgrado, doente, ressentido, rancoroso, o homem de rebanho, bem como os seus valores, a compaixão, a caridade, a piedade, a igualdade, o amor ao próximo, etc. Tudo o que antes era considerado como bom, foi deturpado pelo ideário cristão. Desse modo, o estudo da concepção nietzschiana do cristianismo, se mostra de extrema importância, para também

se compreender a crítica que Nietzsche faz á civilização moderna ocidental, pois os valores que se encontram solidificados na sociedade moderna é o reflexo da tradição cristã, cujo projeto é de amansamento, domesticação e melhoramento do homem. Nietzsche irá conceber a modernidade como fruto de uma *décadence* vital, sendo um dos casos mais simbólico da modernidade, a música de Wagner, esse “artista *moderno par excellence*” (CW, § 5). De acordo com o filósofo alemão, a arte wagneriana é sintoma de degenerescência fisiológica, sem contar que aumenta o esgotamento vital de quem é seduzido por ela.

2.3 – A *décadence* de Wagner, o artista *moderno par excellence*

A modernidade, para Nietzsche, é entendida como signo de tudo aquilo que amansa e rebaixa o homem nobre. Ela seria o auge de todo o processo decadencial iniciado por Sócrates e que teve sua intensificação com o cristianismo. “Hoje nada vemos que queria tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão” (GM/GM, I, § 2). Para entender essa crítica nietzschiana a civilização moderna ocidental, nos remeteremos ao combate que Nietzsche faz da obra Wagneriana em seu livro *O Caso Wagner*, pois segundo o filósofo do martelo:

Através de Wagner, a modernidade fala sua linguagem mais *íntima*: não esconde seu bem nem seu mal, desaprendeu todo pudor. E inversamente teremos feito quase um balanço sobre o *valor* do moderno, se ganharmos clareza sobre o bem e o mal em Wagner. [...] “Wagner resume a modernidade. Não adianta, é preciso primeiro ser wagneriano...” (WA/CW, “Prólogo”)

Friedrich Nietzsche, após ter se passado dezesseis anos da publicação de *O Nascimento da Tragédia*⁴ (1872), livro que dedica exatamente ao seu amigo, o compositor Richard Wagner, escreve o livro *O Caso Wagner* (1888), sendo este uma de suas última obras escritas, acompanhado de *Crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo* e *Ecce Homo*. É neste período tardio de sua filosofia que Nietzsche passa a atacar a modernidade com duros golpes de martelo, sendo Wagner um de seus principais alvos. *O Caso Wagner*, contém a síntese das críticas Nietzscheanas às obras do compositor Richard Wagner.

Ao tratar do compositor de *Tristão e Isolda*, o filósofo alemão nos diz que este, sofre de uma doença fisiológica, que sua produção artística decadente está intimamente ligada à sua decadência física e moral:

Estou longe de olhar passivamente enquanto esse decadente nos estraga a saúde – e a música, além disso! Wagner é realmente um ser humano? Não seria antes uma doença? Ele torna doente aquilo em que toca – ele tornou a música doente. (WA/CW § 5)

Notamos que, ao fazer o diagnóstico de Wagner, Nietzsche não faz referência somente ao caráter artístico, pois nota-se que este está relacionado intrinsecamente à saúde, que nos remete a fisiologia, que como vista nos capítulos anteriores é um instrumento fundamental para se compreender de que forma a *décadence* se manifesta no indivíduo. O filósofo alemão reconhece no compositor de *Tristão e Isolda* aquilo que designará neste texto (*O Caso Wagner*) por *décadence*. Para Nietzsche, portanto, Wagner é o artista da decadência, o “protagonista” de seu tempo, o seu “mais notável nome”, suas composições seriam a expressão máxima da arte decadente.

Uma das principais objeções de Nietzsche contra a obra Wagneriana, pode ser encontrada através do aspecto da negação da vontade, na medida em que o compositor foi enormemente influenciado pela filosofia

4 Nietzsche dedica a obra *O Nascimento da Tragédia* para Wagner, considerando o compositor como “a renascença grega em solo alemão, dentro da cultura alemã”.

Schopenhaueriana. Porém é importante ressaltar que enquanto neste último o conceito de vontade designa um princípio metafísico, no primeiro temos a vontade de potência, que se expressa como um jogo de forças.

Para Schopenhauer, a Vontade era a causadora de todo desprazer e dor do ser humano, sendo ela um querer ininterrupto, uma porção de desejos que quando satisfeitos, outros surgem instantaneamente. “Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável”⁵. A Vontade para o filósofo pessimista, seria a “fratura” e “falta”. Porém, a saída seria suprimir essa vontade, o que colocaria o homem na postura de “santo”, pois nega esse querer. Ele não quer mais querer, assim sendo, um nada de vontade. A eliminação desse querer desenfreado, essa “vontade cega”, seria a solução para a vida. Então, nesta perspectiva, o santo se assemelharia com o artista, porque este vive a redenção através da contemplação, é por este motivo que Schopenhauer vai dizer que a arte redime o ser humano, no momento da contemplação, do querer desenfreado da vontade. Mas a redenção, proporcionada pela arte, ocorreria apenas no momento da contemplação, pois uma vez que o contato com a arte acaba, instantaneamente esse querer desenfreado voltaria. Portanto, o pessimista vê como única solução para a Vontade, a ascese. Na ascese a vontade seria rejeitada a todo momento e não apenas na contemplação artística. “Somente o filósofo da *décadence* revelou o artista da *décadence* a si mesmo” (WA/CW, § 4).

Friedrich Nietzsche relaciona Wagner com um artista decadente por ele ter se deixado submeter á moral do asceta. Wagner não quer a salvação pela própria arte, ele quer a salvação pela moral. Quando introduz no seu projeto da Obra de Arte Total⁶ esse moralismo ascético que rejeita e nega a vontade, vindo de Schopenhauer, assume para si mesmo, o posto de asceta e

⁵Schopenhauer, *Mundo como vontade e representação*, § 57

⁶ Conceito estético do idealismo alemão, o termo se refere á união de música, teatro, canto, dança e artes plásticas em uma única obra de arte.

de artista, onde a arte não se colocaria á serviço da vida, como o filósofo do martelo defende, mas da moral. O artista, para Nietzsche, deveria ser justamente o oposto do asceta, pois, enquanto este nega a vida, o artista a afirma.

Logo no começo de *O caso Wagner*, podemos verificar o que exatamente o filósofo alemão considera ser um *décadent*:

Que exige um filósofo de si, em primeiro e em último lugar? Superar em si seu tempo tornar-se “atemporal”. Logo, contra o que deve travar seu mais duro combate? Contra aquilo que o faz filho de seu tempo. Muito bem! Tanto quanto Wagner, eu sou um filho desse tempo; quer dizer, um *décadent*: mas eu compreendi isso e me defendi. O filósofo em mim se defendeu. (WA/CW, “Prólogo”)

Com efeito, Nietzsche se considerava um *décadent*, pois é um filho do seu tempo, mas ao contrário de Wagner ele percebe sua condição e, por ser filósofo é obrigado a superar o seu tempo. De acordo com Scarlett Marton (2013):

Músico e filósofo, Nietzsche assim se coloca em relação ao fenômeno Wagner. Como o compositor, foi um *décadent*; mais ainda, do problema da *décadence* fez a sua mais grave preocupação. A diferença de Wagner, porém, pôde curar-se; dada a sua condição fisiopsicológica, de si mesmo fez um extemporâneo. Convencido de que é preciso ir á fundo na própria época para superá-la, acredita que o filósofo, enquanto médico da civilização tem de “ser a má consciência de seu tempo” – e para tanto, tem de ter a melhor ciência de seu tempo”⁷. E “a ciência de seu tempo” foi Wagner quem lhe proporcionou. Afinal, ele “resume a modernidade.

Para Nietzsche, a fisiologia mórbida ao efetuar uma negação da efetividade, deve ser tratada por um médico especial, o médico filosófico. Esse médico deve se opor ao médico proposto por toda a tradição filosófica,

⁷O Caso Wagner, prefácio.

enquanto este é um médico de “almas”, o médico nietzschiano tem como finalidade o resgate do vir-a-ser. “Ainda estou a espera de um *médico* filosófico, no sentido excepcional da palavra – um médico que tenha o problema da saúde geral do povo, tempo, raça, humanidade para cuidar...” (FG/GC, “Prefácio” § 2). Para combater a vontade de nada, é necessário que se possua a grande saúde. E Nietzsche, em *Ecce Homo*, acredita ter as condições necessárias para ser esse médico: “Tomei-me em mãos, curei a mim próprio: a condição para isso – todo o fisiólogo o admitirá – é ser *sadio no fundamento...* (EH/EH, Por que sou tão sábio, § 2)

Nietzsche, ainda aponta que Wagner foi uma das doenças que o atingiu e nos mostra o quão imprescindível era essa enfermidade Wagneriana:

Minha maior vivência foi uma cura. Wagner foi uma de minhas doenças. Não que eu deseje me mostrar ingrato a essa doença. Se nessas páginas eu proclamo a tese de que Wagner é danoso, quero do mesmo modo proclamar a quem, não obstante, ele é indispensável – ao filósofo. Outros poderão passar sem Wagner, mas o filósofo não pode ignorá-lo. Ele tem que ser a má consciência de seu tempo – para isso precisa ter sua melhor ciência. (WA/CW, Prólogo)

Somente por ter sido wagneriano é que o filósofo alemão tornou-se capaz de combatê-lo. O compositor lhe foi indispensável, porque foi por ele que Nietzsche conheceu a doença de seu tempo e pode se curar. O filósofo encontrou em Richard Wagner, a expressão mais significativa de decadência de sua época. Ainda segundo Nietzsche, aquilo que tornou o compositor famoso, era justamente um dos problemas de Wagner: seu Estilo, o que transmite a sua doença.

O músico ao querer buscar uma obra de arte que contemplasse drama, música e palavra, acabou maximizando o efeito que a obra de arte deveria causar na platéia, sendo assim, foi indo na direção de uma arte “mentirosa”. Desejando criar uma obra que abarcasse todos os estilos, musicais ou cênicos, acabou entrando numa estrutura de *décadence*. Em Wagner não apenas os instintos, mas todos os estilos queriam tyrannizar ao

mesmo instante. Assim, a infinita melodia Wagneriana, se mostra como exemplo, pois os tons se sobrepõe tão rapidamente uns aos outros, que quem está ouvindo não mais consegue diferenciá-los, levando a uma audição passiva.

Wagner não calcula jamais como músico, a partir de alguma consciência musical, ele quer o efeito, nada senão o efeito [...]. Wagner não nos dá o bastante para mastigar, Seu recitativo – pouca carne, alguns ossos e muito caldo (WA/CW, § 8).

Além disso, outro problema de Wagner seria o exagero que continha seus meios utilizados para dramatizar. Segundo Nietzsche, chegando até mesmo ao ponto de não conseguir contar até três: Quando um músico não consegue mais contar até três, torna-se dramático’, torna-se ‘wagneriano’ (WA/CW, § 8). A melodia infinita Wagneriana seria um conflito que nunca se soluciona.

A música do compositor alemão Wagner, esse “artista *moderno par excellence*” (WA/CW § 5), é um caso simbólico da *décadence* moderna. Nietzsche a considera despida de qualquer perfil afirmativo. Enfraquece o organismo e ainda aumenta o esgotamento, a exaustão vital daqueles que são atraídos por ela. O filósofo critica no compositor, sobretudo, a paixão que arrebatava, o exagero, a tirania do *pathos*. (WA/CW § 8)

Eis o ponto de vista que destaco: a arte de Wagner é doente. Os problemas que ele põe no palco – todos problemas de histéricos -, a natureza convulsiva de seus afetos, sua sensibilidade exacerbada, seu gosto, que exigia temperos sempre mais picantes, sua instabilidade, que ele travestiu em princípios, e, não menos importante, a escolha de seus heróis e heroínas, considerados como tipos psicológicos (- uma galeria de doentes!): tudo isso representa um quadro clínico que não deixa dúvidas. *Wagner est une nevrose* [Wagner é uma neurose]. Talvez nada exista de tão conhecido hoje, ao menos nada foi tão bem estruturado, quanto o caráter protóico da degenerescência, que aqui se faz crisálida de arte e artista. (WA/CW, § 5)

O filósofo do martelo também aponta algo em que Wagner era bom, a arte de fazer as partes se sobressaíam no todo: "Vê se o particular muito nítido, vê se o todo muito embotado (...) Mas isto é *décadence*, uma palavra, que, como entre nós se compreende por si mesma, não deve censurar, mas apenas designar" (NIETZSCHE apud MÜLLER-LAUTER, 1999, p.3).

Nietzsche também crítica o caráter plural do compositor de *Tristão e Isolda*, isto é, a urgência que Wagner tinha em se fazer claramente compreendido e para o maior número de pessoas possíveis. É nesta perspectiva que ele teria forçado, tentando dialogar com as outras áreas, comprimindo esse caráter pluralista a uma urgência em ser compreendido a todo custo.

O músico, segundo o filósofo, ao retomar a estrutura mítica, a realiza através de um viés moral, e não tem a vida como seu maior fim. Sendo assim, Nietzsche compreende que não há mais solução, saída, nem para Richard Wagner, nem para a cultura alemã. O que os resta é apenas perecer. Para Nietzsche, Wagner não modificou esse processo de forma alguma, apenas o acelerou.

Ele apenas lhe acelerou o tempo [*décadence*] – de maneira tal, sem dúvida, que ficamos horrorizados ante esse súbito precipitar-se abismo abaixo. Ele tinha a ingenuidade da *décadence*: esta era a sua superioridade. Ele cria nela, não se deteve ante nenhuma lógica da *décadence*. Os outros hesitam – isso os diferencia. Nada mais! (WA/CW, "Segundo Pós-escrito")

Segundo Rabelo (2000, p. 50) seu autoengano, a cegueira com relação ao próprio tipo, à própria constituição (não se ver como decadente), é o traço distintivo de Wagner em relação aos demais, pois permite ser decadente integralmente até o limite, inclusive em sua arte". O decadente "perfeito" para Nietzsche seria então, Richard Wagner.

[...] Nada se compreende de Wagner, ao distinguir nele apenas um arbitrário jogo da natureza, um capricho e um acaso. Ele não era um gênio “incompleto”, “desafortunado”, “contraditório”, como já foi dito. Wagner era algo perfeito, um típico *décadent*, no qual não há “livre-arbítrio”, e cada feição tem sua necessidade. (WA/CW, § 7)

Vale também ressaltar que, no Caso Wagner, o filósofo persiste em nos apresentar um tipo contrário ao tipo *décadent* personificado por Wagner. Nietzsche contrapõe a música de Bizet⁸, estrategicamente, á ausência de unidade e coesão interna que caracteriza as composições Wagnerianas. Apontando a completude das obras de Bizet, declara: “Ela é rica. É precisa. Constrói, organiza, perfaz”⁹. O filósofo de Sils-Maria, exalta o mediterrânico Bizet, “agora é este quem representa para Nietzsche tudo que há de verdadeiro, de belo, de bom na música. A música italiana de Bizet torna-o mais feliz, um verdadeiro sedentário: “A música torna o espírito livre” (WA/CW, p.12). Nietzsche diz que a música de Bizet lhe parece perfeita; é leve, sutil polida (ANTUNES, 2008). “O que é bom é leve, tudo divino se move com pés delicados: primeira sentença da minha estética. [...] Bizet me faz fecundo. Tudo o que é bom me faz fecundo. Não tenho outra gratidão, nem tenho outra prova para aquilo que é bom (WA/CW, § 1).

Friedrich Nietzsche também acusa Wagner de ter se transformado no grande redentor da cristandade do ocidente, ele redimiu a música e os músicos de sua época. Wagner “teria redimido sobretudo a Goethe¹⁰, o qual havia escrito obras elogiosas aos mediterrânicos e tornando-se, assim, repulsivo á “Alemanha solteirona e moralmente azeda”¹¹. Wagner salva Goethe,

⁸Georges Bizet (1838-1875), foi um compositor francês, principalmente de óperas. Sua principal obra é Carmen, que se tornou uma das mais populares óperas interpretadas no repertório operístico.

⁹ O Caso Wagner § 1.

¹⁰ Johann Wolfgang Von Goethe (1749- 1832) foi um escritor alemão, sendo umas das mais importantes figuras da literatura alemã e do romantismo europeu.

¹¹(CW/WA § 3)

ao redimi-lo de sua fraqueza pelo mediterraneísmo (ANTUNES, 2008). Mas Nietzsche se pergunta o que Goethe teria achado dessa atitude pecaminosa de Wagner. E no entender do filósofo, o escritor teria repreendido o compositor, frente a essa sua atitude redentora, pois Wagner havia cristianizado sua obra.

- O que Goethe teria pensado de Wagner? – Uma vez ele se perguntou acerca do perigo que ameaçava os românticos: a fatalidade romântica. Sua resposta: “sufocar com a ruminação de absurdos morais e religiosos”. Numa palavra: *Parsifal* – O filósofo junta um epílogo: *Santidade* – talvez a última coisa que o povo e as mulheres ainda conseguem ver, dos valores mais altos; o horizonte do ideal para todos os míopes por natureza. Para os filósofos, no entanto, uma simples recusa de compreensão, como todo o horizonte, uma espécie de portão fechado onde o seu mundo apenas começa – o seu perigo, seu ideal, sua aspiração... Para dizê-lo de modo mais cortês: *La philosophie ne suffit pas au grand nombre. Il lui faut la sainteté* [A filosofia não basta para a multidão. Ela necessita de santidade]. (CW/WA, § 3)

Com a obra *O Caso Wagner*, Nietzsche, em sua fase tardia, aponta Richard Wagner como o artista da *décadence*, sendo ele a maior expressão de decadência da sociedade moderna. Sendo assim, quando toma o compositor como objeto de reflexão, faz o diagnóstico de toda uma época histórica. Compreender o ‘caso’ Wagner é, aqui, tido como compreender a modernidade e sua natureza mais *íntima*, como afirma o próprio Nietzsche em *WA/CW* (Prólogo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, sobre o conceito de *décadence* na filosofia tardia do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, pudemos observar a demasiada importância que o conceito possui para se poder compreender as críticas que ele dirige contra os valores da sociedade ocidental.

Compreendemos a relação entre a fisiologia e o conceito de *décadence*. Vimos que a psicofisiologia nietzschiana baseia-se na análise dos sintomas das estruturas orgânicas, conferindo qual relação eles estabelecem com a vida e a partir daí estabelece dois tipos de configurações de impulsos, a forte, que, organizada hierarquicamente, afirmará a vida, e a constituição fraca, cuja expressão é o rebaixamento da mesma. Nietzsche aborda o problema da *décadence* como um processo histórico genealógico, que teve seu início com a razão socrática. Sócrates como negador da vida mundana, depositando toda a sua felicidade em um além, assim se expressa como um degenerado fisiologicamente, incapaz de afirmar a existência. O filósofo pseudogrego, ao constatar sua doença, pode perceber que toda Atenas também parecia do mesmo mal. Mas ao exaltar a razão, como meio para subordinar os instintos em anarquia, apenas se utilizou de uma outra expressão de *décadence*. Por fim, a moral socrática foi herdada por seus precursores e o mundo das ideias se tornou o mundo divino dos cristãos, logo que o cristianismo é o “platonismo para o povo”.

A religião cristã aparece na filosofia nietzschiana como a expressão máxima da *décadence*. Expressando um ódio à toda efetividade, subvertendo

os valores de bom e mau, sua moral se apresenta como opressora dos instintos que exprimem a vida saudável, cheia de vigor. Vale se fazer notar, que esse cristianismo é o histórico, o qual foi fundado pelo apóstolo Paulo, que com seu ressentimento usurpou a doutrina pregada por Jesus Cristo. Doutrina que pregava a prática do amor e que se baseava no aquém, não no além, onde Paulo ensinou que deveria ser depositada toda a fé cristã.

Como herdeira de toda a *décadence* anterior, a modernidade aparece na crítica que o filósofo do martelo exerce contra o compositor alemão Richard Wagner. Nietzsche dirá que Wagner expressa um tipo fisiológico mórbido e que suas composições musicais são consequências de sua doença. A música wagneriana contaminaria todos os seus ouvintes com a sua *décadence*. Nietzsche na obra *O Caso Wagner*, declara que como filho de seu tempo, também já foi, assim como o compositor, um *décadent*. Mas ao contrário dele, pode perceber que parecia e então superou a morbidez. Porém, Wagner aparece como fundamental para essa superação. Para a conquista da grande saúde por Nietzsche.

Com base nesses estudos, podemos compreender que a *décadence*, primeiro de tudo, se expressa fisiologicamente no indivíduo, por meio da anarquia dos instintos. O que acontece é que os instintos, quando não dispostos em uma ordem hierárquica, fragmentados, perdem sua força. O indivíduo *décadent*, então, sofre de uma vontade fraca. Essa fraqueza se manifestará em suas ações, como por exemplo, a filosofia de Sócrates, a religião fundada pelo apóstolo Paulo e a música de Wagner.

O indivíduo, segundo Nietzsche, é *décadent* por ser fruto de seu tempo, mas ao mesmo tempo, a sociedade e a cultura são vistas como expressões de *décadence*, por serem produtos desses indivíduos mórbidos. Podemos chegar a essa conclusão, por meio da crítica que o filósofo faz ao compositor alemão Wagner. Pois, como pessoa o compositor é um doente (*décadent*) e como “tipo”, ele é uma doença. Uma doença transmissível pela sua música.

REFERÊNCIAS

Principais:

Nietzsche, Friedrich. **Obras incompletas**. In: *Os pensadores* (trad. Rubens Rodrigues Torres Filho), 4ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do Bem e do Mal**. 2ª ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Genealogia da Moral**. 3ª ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo; ditirambos de Dionísio. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O Caso Wagner**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____ ***Fragmentos Póstumos***: 1885-1887: Vol. VI. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013

_____ ***Fragmentos Póstumos***: 1887-1889: Vol. VII. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Secundárias:

ANTUNES, Jair. **Nietzsche: a música de Wagner como representação da decadência da sociedade burguesa ocidental (O Caso Wagner)** UNICENTRO, Brasil. Vol. 9, Nº 2, 2008.

BOURGET, Paul. ***Essais de psychologie contemporaine***. Paris: Gallimard, 1993.

FREZZATTI Jr., W.A. ***A superação da dualidade cultura/biologia na filosofia de Nietzsche*** . In: Tempo da ciência (11) 22: 115-135, 2º semestre 2004

_____ ***“O problema de Sócrates”***: ***um exemplo da psicofisiologia de Nietzsche***. In: *Rev. Filos Aurora*, Curitiba, v. 20, n.27, p.303-320, jul/dez. 2008

GIACÓIA, J. OSWALDO. ***Labirintos da alma***. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____ ***Nietzsche como psicólogo***. 2ª Ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MARTON, Scarlett. ***Décadence, um diagnóstico sem terapêutica-Sobre a interpretação de Wolfgang Müller-Lauter***. Cadernos Nietzsche: São Paulo, n.6, PP.03-09, 1999.

_____ ***Das Forças Cósmicas Aos Valores Humanos***. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MÜLLER-LAUTER, W. **A *décadence* artística como *décadence* fisiológica: a propósito da crítica tardia de Nietzsche à Richard Wagner.** Cadernos Nietzsche: São Paulo, n.6, P.11-30, 1999.

_____ ***A Doutrina da Vontade de Poder Em Nietzsche*** (trad. Oswaldo Giacóia). São Paulo,,: Annablume, 1997.

Rabelo, Rodrigo Cumpre. **Nietzsche contra Wagner: veleidade de artista, *décadence* e ascetismo.** Semina, Ciências Sociais e Humanas: Londrina, Vol. 31, nº. 1 pp 41-58, 2000.